

# SEJAMOS HUMANOS

GUSTAVO CORÇÃO

A sorte do mundo depende hoje, mais do que nunca, da colocação de valores que irá inspirar os dirigentes ocidentais. Em 1938 foi o Medo que ditou protelações, capitulações, conversações inúteis, e que tornou a guerra mais cruel; hoje serão ainda mais espantosas as consequências se o mesmo Medo, travestido em sentimento humanitário, voltar a presidir as deliberações dos países ameaçados pelo Leviatã totalitário. Naquele tempo temia-se que as belas cidades da Europa fôsem destruídas; hoje receia-se que seja destruído o mundo, a terra dos homens, pela ação direta e pela ação indirecta das bombas atômicas. Tempos atrás, o laureado ensaísta Bertrand Russell, que passou a vida a tecer vertiginosos paradoxos matemáticos e a lavar lugares comuns a respeito da felicidade e de outras categorias menos matemáticas, esteve ocupado em escrever cartas de apelo ao Oriente e ao Ocidente, com o louvável intuito de conjurar o espectro de uma nova guerra que seria, em sua opinião, o fim do mundo. Agora, pelo que lemos no *Time* de 28 de julho, é o sr. Philip Toynbee quem nos diz que, diante da terrível ameaça da guerra nuclear, a única solução é o imediato desarmamento e a paz com a Rússia em quaisquer termos, ainda que sejam termos de rendição. Na primeira leitura, pensei que se tratasse do grande historiador Arnold J. Toynbee, e logo concluí que o respeitadíssimo autor estava doído; vejo agora que é Philip e não Arnold, e espero que nem sejam parentes.

Nesse meio tempo andei lendo um romance de Nevil Shute, traduzido com o título *A Hora Final* e editado pela Ed. Civilização Brasileira. Trata-se, nem mais nem menos, da hora final da humanidade. Estamos na Austrália, no ano de 1963, tempos depois da última guerra mundial em que, no hemisfério Norte, foram atiradas dezenas de milhares de bombas de cobalto. Pela ação directa, e indirecta dessas bombas, todo o hemisfério setentrional está sem vida, e agora, nos primeiros capítulos do romance, os australianos estão esperando a lenta e inexorável descida da radioatividade ao hemisfério Sul. O autor atribuiu aos seus personagens uma curiosa atitude: eles vivem seus últimos meses de planeta num faz-de-conta, num regime quase permanente de ficção. De vez em quando falam na coisa que vem chegando do Norte, mas logo voltam à ficção, à defesa contra o pânico desesperado. Um oficial norte-americano, que deixou mulher e dois filhos nos Estados Unidos, apegase à idéia de que estão vivos, sonha que a realidade é um sonho, e anda pelas lojas de brinquedos comprando presentes que levará aos filhos quando voltar aos Estados Unidos. A mãe de um menino de colo inquieta-se porque houve um surto de sarampo, e continua a plantar narcisos e a fazer projetos de reforma na casa. O governo australiano, para atender a diversas solicitações dos amadores de pesca, resolve antecipar a data de início da pesca anual da truta. Antecipa também a data de uma corrida de automóveis. Tudo tem de ser feito artes de setembro, porque em setembro os átomos mortais chegarão com o vento, e será o fim do mundo. Muito britanicamente, os personagens se instalam no provisório, procuram o conforto e o divertimento no último lance da efêmera aventura da humanidade.

Confesso que não senti na leitura o que o autor esperava de mim com esse recurso que, a meu ver, está um pouco exagerado. A técnica de contensão é certamente melhor do que a da enfática e declamatória emoção, mas tudo tem sua justa medida. Aliás, não é outra a atitude geral dos homens diante da morte; dou razão, nisto, ao romancista, mas então se perde no livro o que há de específico na morte universal e simultânea, isto é, no fim do mundo. Na verdade, todos nós vivemos de ficções, vivemos instalados no provisório e no faz-de-conta. Plantando narcisos, fazendo projetos de decoração, comprando brinquedos para as crianças, nós estamos, na maior parte das horas, desatentos ao inevitável desenlace que nos separa do nada ou da vida eterna. Os próprios cristãos, que recebem lições diárias de eternidade, vivem a fugir da transcen-

dência, como aqueles israelitas que procuraram Samuel para pedir um rei, alegando que desejavam viver como todas as nações. Tirando os santos, ou os homens que desses procuram aproximar-se, nós vivemos todos como aqueles loucos australianos de Nevil Shute.

E é por isso que, no próprio meio cristão, houve escândalo quando o arcebispo de Cantuária, dr. Geoffrey Fisher, respondendo a Philip Toynbee, lembrou que o medo não é bom conselheiro e que o mundo não tem nenhuma promessa de eternidade. "I am convinced that it is never right to settle any policy simply out of fear of the consequences..." E acrescenta: "Cristo na sua Cruz mostra-nos como devemos viver a dor profunda e criadora. Ele não pretendeu acabar com o sofrimento, nem ordenou a seus discípulos evitar a dor. Por isso, torno a dizer, não posso julgar nenhuma norma pelo fato de ser ou não ser boa para salvar a raça humana de um período de sofrimento ou até da extinção". Levantaram-se vozes, e no mundo cristão não foram menos asperas, para increpar o Primaz da Igreja Anglicana de sentimentos desumanos. Um dr. John S. Thompson, da *United Church of Canada*, não hesitou em dizer: "Singularly futile, stupid and unchristian..." E, por incrível que pareça, é o próprio redator do *Time*, da americaníssima revista semanal, quem nos lembra que, às vezes, o simples enunciado de um artigo de doutrina cristã basta para escandalizar os homens, e provocar azedos debates mesmo entre cristãos.

Pessoalmente, não acredito no fim do mundo pelas bombas de cobalto. Para fundamentar meu relativo otimismo tenho uma ponderação prática. Sem ser especialista no assunto — longe disto! — tenho a impressão de que o processo é auto-regulado, autolimitado, e possui a virtude que hoje os cibernéticos chamam de *feed-back*. Em palavras mais simples, creio que as primeiras dez ou vinte bombas lançarão tal desordem entre os contendores que bastará para atrasar, e até para deter o disparo das outras. Acho inconcebível uma guerra que consiga funcionar meses a fio com plena eficiência, depois da destruição de centros como Nova York e Moscou. Espero que o leitor entenda que não estou achando pouca coisa a destruição dessas duas cidades: estou apenas dizendo que não acredito na destruição total do mundo habitado. Em todo caso não insisto. Sei que a sorte do homem e a de todos os homens pende da divina Providência; e sei também, como sabe e ensina aos ingleses o dr. Fisher, que não há nenhum preceito evangélico que nos leve a adotar o pacifismo do sr. Nehru ou o derrotismo do sr. Philip Toynbee. A paz só pode ser um fruto da justiça, e não um dividendo da capitulação. Os homens têm de morrer, mas não há lei alguma natural ou sobrenatural que apregoe a necessidade ou a obrigação de ser covarde e de prolongar por alguns dias, a custo da rendição incondicional, a vida individual ou a vida coletiva. Não sei, pela ciência natural ou pela ciência revelada, quando será o fim do mundo; mas sei algumas poucas coisas, poucas mas fundamentais, que devo fazer enquanto o mundo não acaba ou não acabo eu. E uma dessas poucas coisas fundamentais, que derivam diretamente da razão e da fé, e se somam, é a necessidade de resistir ao desumanismo totalitário que envenena o mundo de modo mais trágico do que a radioatividade. E por isso torno a dizer, com medo, que a sorte do mundo depende do lugar que o Medo tiver nas conversações, nos conselhos de segurança, nos encontros dos maiores responsáveis. *Singularly futile, stupid and unchristian* é o pacifismo que amolece os espíritos e que destrói no homem o que há nele de especificamente humano. Trataram de desumano o arcebispo de Cantuária. Lembro-me aqui dum excelente sermão pronunciado pelo vigário de minha paróquia. Num apelo patético e com uma bela candura germanica o vigário nos dizia diante do altar: Sejamos humanos! Sejamos humanos! Mas cumpre notar — e aqui reside a

originalidade cristã do bom padre — que o seu incitamento tinha direção oposta àquela com que geralmente se usa tal apóstrofe. Quase sempre, por um impenetrável mistério, é costume apelar para o humano sentimento no sentido da frouxidão, da indiferença moral, da capitulação. "Sejamos humanos", no dicionário do mundo, quer dizer sejamos complacentes com o mal, sejamos moles, sejamos medrosos. Quer dizer o que disse Nehru, que quer a paz a qualquer preço; quer dizer o que disse o pseudo Toynbee.

Sejamos humanos, sim, mas humanos como quer o padre católico e o arcebispo anglicano. Porque ter medo é humano no sentido genérico, isto é, naquilo que é comum aos homens e aos ratos; mas ter brio, ter coragem moral, amar o direito acima da própria vida, prezar a liberdade mais do que o conforto, buscar a perfeição em cada coisa a custo de lágrimas, suor e sangue — isto é que é ser humano no sentido próprio, específico, que nos separa dos animais e dos homens que se alegram por serem apenas como todos os animais. Curioso mistério da língua! Se alguém diz: "Sou homem", essa afirmação conota força; mas se diz: "hou humano" a afirmação conota fraqueza.

Se me fosse dada alguma oportunidade de atingir o sr. Russell ou o sr. Philip, ou de poder me comunicar com os líderes reunidos para discutir a sorte do mundo, eu lhes enviaria por telegrama um resumo do sermão do padre. Dir-lhes-ia: sejamos humanos, senhores, mas humanos para servir e amar a justiça, e não somente para ter medo da bomba.